

Estados Unidos

Obama indica que atacará Síria para combater milícia

Presidente americano diz que o país está preparado para ataques aéreos contra o EI em qualquer lugar

Nova York – A Casa Branca indicou que os EUA estão dispostos a bombardear a Síria para combater a milícia radical Estado Islâmico (EI), considerada pelo governo americano a principal ameaça terrorista ao país hoje.

Em discurso na noite de ontem, véspera do 13º aniversário dos atentados de 11 de Setembro, o presidente Barack Obama anunciou que o país está preparado para uma campanha de ataques aéreos aos militantes do EI "onde quer que eles estejam" – o que inclui, assim, a Síria. Os EUA já bombardeavam alvos do EI no Iraque.

Na Síria, onde a facção também tem bases, a questão é mais delicada, pois ataques poderiam ajudar o ditador Bashar al-Assad, de quem o EI é inimigo. "Essa campanha de contraterrorismo será conduzida por meio de um esforço firme e incansável para destruir o Isl (como os EUA chamam o EI) onde quer que eles estejam, usando o nosso poder aéreo e nosso apoio às for-



Obama faz discurso na Casa Branca: "esforço firme e incansável" contra o Estado Islâmico

ças aliadas em campo", diria Obama, segundo trechos divulgados antecipadamente.

O democrata, contudo, reforçaria que a ofensiva dos EUA contra a facção radical não envolverá o envio de tropas americanas. A comparação seria feita com a "bem sucedida" ofensiva americana no Iêmen e na Somália nos últimos anos, baseada no uso de drones.

Ontem, líderes democratas no Senado já preparavam um texto para autorizar que militares dos EUA treinassem e fornecessem armas a rebeldes sírios para lutar com o EI.

11 DE SETEMBRO

Treze anos após os ataques de 11 de Setembro, a ameaça terrorista aos EUA é hoje mais complexa e descentralizada do que em 2001. A afirmação foi feita hoje pelo secretário de Segurança Interna do país, Jeh Johnson, em Nova York.

"A ameaça não é mais a Al-Qaeda de 2001, é mais descentralizada e complexa", disse Johnson, citando o Estado Islâmico, mas também os braços da Al-Qaeda na Península Arábica, no Magrebi (noroeste da África) islâmico, o Al-Shabab na Somália e a Frente al-Nusra na Síria. (AE/AP/FP)

Saeed Loeb/Reuters

No Iraque, Kerry pede mais apoio

Bagdá – O secretário de Estado norte-americano John Kerry disse ontem que nem os Estados Unidos nem o restante do mundo vão ficar parados e assistir ao grupo Estado Islâmico (EI) espalhar seu mal.

"Esta é uma luta que o povo iraquiano deve vencer, mas é também uma luta que o restante do mundo precisa que eles vençam", disse. "É uma luta que os Estados Unidos e o restante do mundo precisam apoiar em cada passo." Kerry esteve em Bagdá para se reunir com a nova liderança iraquiana e prometeu apoio americano para eliminar o grupo extremista e a ameaça representada pelo EI.

Também ontem, dois carros-bomba explodiram um posto de polícia próximo a um mercado de animais em Bagdá, matando ao menos 19 pessoas, informaram autoridades do Iraque. Forças de segurança bloquearam todas as vias que levavam ao local do ataque. (AE/AP)

NOVAS AÇÕES

Casa Branca quer coordenar ofensiva contra o Estado Islâmico à distância

- Plano que inclui apoiar as forças que combatem o EI – principalmente a oposição moderada na Síria e o governo do Iraque.
- Não vai enviar tropas para nenhum dos dois países.
- A ideia é usar a força aérea americana, com ataques de drones, e dar apoio às forças parceiras no solo.

Curtas

Sem papel, jornal deixa de circular

Caracas – Um jornal ligado à oposição conhecido por ser o mais antigo da Venezuela anunciou ontem a suspensão de sua circulação impressa alegando dificuldades de importar papel e outros insumos por causa do controle cambial imposto pelo governo central.

Em editorial, *El Impulso*, criado em 1904 e editado e publicado na cidade de Barquisimeto, 350 quilômetros a leste de Caracas, acusou, sem citar nominalmente o presidente Nicolás Maduro, o governo de bloquear seu acesso aos dólares necessários para adquirir bobinas de papel e outros equipamentos importados. (FP)

Joan Alvarado/Reuters



Chile – O governo chileno buscou ajuda de agências de segurança es-



O CLASSIFICADOS
dobra
PRA VOCÊ!

Em setembro você
anuncia 2 dias
no Classificados
e ganha
+ 2 anúncios.



Negócio rápido. Muito rápido.

Ligue (62) 3250.5323 ou anuncie em
uma de nossas 30 lojas autorizadas
em Goiânia, Aparecida de Goiânia,
Anápolis e Senador Canedo.

Promoção válida para anúncios de linha publicados em setembro de 2014, no caderno de classificados do jornal O Popular. Caso o produto anunciado seja vendido antes das condições programadas, não haverá devolução do valor, nem a possibilidade de substituição por outro bem ou serviço, sendo permitido apenas a suspensão das inserções restantes. Esta campanha não é cumulativa com outras promoções ou descontos normalmente concedidos ao anunciante, salvo os 10% de desconto pessoal físico, que serão concedidos mediante a apresentação do cartão de Assinante.

Entrevista

MATHEUS PFRIMER

“Há o risco de armar jihadistas”

Gilberto G. Pereira

O presidente dos EUA, Barack Obama, enumerou ações que o país desenvolverá no combate ao Estado Islâmico, grupo que prega o ódio ao Ocidente e domina extensa área entre o Iraque e a Síria. O professor de Relações Internacionais da UFG, Matheus Pfrimer, comenta o assunto.

O que os EUA podem fazer em um terreno minado como o Iraque e a Síria, sem enviar tropas, utilizando-se apenas de drones em combates aéreos, o que já vinha sendo feito?

Os EUA querem evitar o avanço do Estado Islâmico e ao mesmo tempo não querem se envolver em uma nova intervenção de longo prazo e alto custo. Além do uso de drones, há o fortalecimento das tropas nacionais iraquianas e dos peshmergas (tropas curdas) a partir de um programa da CIA que inclui treinamento e equipamentos militares. A estratégia americana inclui ainda o apoio aos xeqes sunitas, que vinham usando rebeldes jihadistas para ganhar influência na política iraquiana pós-Sadum Hussein. Obama ressalta o uso de uma rede de colaboração e inteligência. Nota-se a ideia de poder brando (Soft Power), que inclui não apenas o uso de força militar ostensiva, mas também do poder de influência sobre outros atores envolvidos no imbróglio. Essa estratégia pretende responder à altura as expectativas paradoxais da sociedade americana, que não pretende se ver envolvida diretamente

em um conflito em terras estrangeiras, mas que ao mesmo tempo, teme novos atentados terroristas em seu próprio território.

Os EUA vão apoiar as forças que combatem o Estado Islâmico, como a oposição moderada na Síria. Apoiar rebeldes sírios não implica mais complicação?

O apoio aos rebeldes sírios é escolha de certo risco, porque não são um grupo homogêneo ou uma força militar unificada. Boa parte das facções estão concentradas em derrubar o regime de Assad. E há o risco de armamento americano oferecido aos rebeldes acabar na mão dos jihadistas.

Uma “estratégia compreensiva e sustentável” significa o quê?

Os EUA não pretendem pagar o alto custo de uma intervenção como no Afeganistão e Iraque após os ataques de 11 de setembro de 2001, em que foram gastos mais de US\$ 1 trilhão. A ideia de sustentável implica gastos menores. O termo compreensivo faz referência a uma ação que leva em conta toda complexidade atual daquela região, como a guerra civil na Síria.

ieno buscou ajuda de agências de segurança estrangeiras para identificar os responsáveis por uma explosão que feriu 14 pessoas em uma estação de metrô na capital Santiago, segunda-feira. Ontem, ameaças de bombas (foto) e pequenos tumultos estenderam por mais um dia a tensão no país. O procurador Raul Guzman não quis informar quais países foram contatados, mas disse que o Chile pediu ajuda a agências internacionais na investigação dos explosivos. Só neste ano, 29 pequenas bombas ou tentativas de explosão foram registradas em Santiago. Também ontem, uma série de falsas ameaças de bombas e a explosão de dois pequenos artefatos caseiros em supermercados de Viña del Mar elevaram as tensões no país. Uma mulher teve ferimentos leves. (AE/AP)

Reino Unido – Os líderes dos três principais partidos britânicos visitaram ontem a Escócia para tentar frear a separação do Reino Unido no plebiscito do dia 18. O premiê David Cameron, do Partido Conservador, disse que ficaria de “coração partido” com a independência. “Não é uma decisão sobre os próximos cinco anos, mas sobre os próximos 100”, disse, na capital Edimburgo. No mesmo dia, o jornal *Daily Record* divulgou pesquisa em que a campanha contra a separação aparece na frente, com 53% a 47%. Também viajaram à Escócia o liberal-democrata e vice primeiro-ministro, Nick Clegg, e o líder do Partido Trabalhista, Ed Miliband.

Conservadores e trabalhistas têm interesses distintos no voto. Os trabalhistas precisam dos votos dos escoceses para retomar o poder do governo britânico. (FP)

